

Escurecendo os fatos: o feminicídio de mulheres negras, angústias de irmãs, mães e filhas

Elizane Souza dos Santos Henriques¹³
Universidade Estadual de Santa Catarina (UESC)

Resumo

Investigamos a representação do feminicídio na literatura negro-brasileira, com ênfase na crônica negra-feminista, tomando-se por exemplar a narrativa “Poderosas”, autoria de Ana Carolina Oliveira dos Santos, na coletânea *Negras Crônicas: escurecendo os fatos* (2019). A crônica escolhida evoca o processo criativo e reflexivo da narradora-protagonista, mulher e negra em busca de uma estória positiva, mas, que se depara com um caso de assassinato. Para alicerçar esta análise, recorreremos às proposições de Russel (2011) e Vergès (2020), relativas aos crimes contra a mulher; às especificidades da literatura e do gênero em foco (Candido, 2003; Cuti, 2010); e aos pressupostos teórico-críticos feministas e decoloniais, em exposições de Akotirene (2019); Kilomba (2019); Hooks (2006;2019) e Maldonado-Torres (2018). Como resultado, identificamos que a crônica denuncia o feminicídio, de forma não naturalizada, e alerta para a importância da instrução sobre esse crime, bem como de não romantizar as violências. A narrativa de Santos, representa uma coletividade de mulheres (irmãs, mães e filhas) vulneráveis às diversas opressões de uma sociedade em desarranjo. Portanto, abre espaço à valorização da vítima e ao incentivo da revelação dos atos criminosos, por parte das mulheres. Trata-se, assim, de reconhecer algumas das principais questões refratadas na produção literária de autoria feminina negra no Brasil.

Página | 20

Palavras-chave

Feminicídio. Literatura negro-brasileira. *Negras Crônicas*. Crônica negra-feminista.

¹³ Mestra e doutoranda em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC). Membro do Grupo de Pesquisa *Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas* (GPAfro/CNPq/UESC). Artigo realizado com o apoio do Órgão de fomento da bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Introdução

“*Neguinha metida
Costuma ser aquela mulher
Que não passa despercebida
Porque não está no ambiente para servir
[...] sabe a quem pertence o próprio nariz*”
(Nascimento, 2021).

Investigamos a representação do feminicídio na literatura negro-brasileira, com ênfase na crônica negra-feminista contemporânea, tomando-se por exemplar a narrativa “Poderosas”, autoria de Ana Carolina Oliveira dos Santos, na coletânea *Negras Crônicas: escurecendo os fatos* (2019). A crônica escolhida evoca o processo criativo e reflexivo da narradora-protagonista, mulher¹⁴ e negra em busca de uma estória positiva, mas, que se depara com um caso de assassinato. Não é novidade que o percurso histórico da mulher na humanidade está marcado por tragédias e crimes, mormente, os imaginados pelos perpetradores como punição às insubmissas. Trata-se da desvalorização dessas vidas e dos atos de violência que tentam infligir ao feminino o domínio patriarcal-colonial-capitalista, na diluição da existência em funções sociais a serviço desse domínio.

Página | 21

Na contramão desse cerceamento, a literatura escrita por mulheres, sobretudo, por intelectuais negras, denuncia as várias formas de opressão aplicadas à experiência feminina (especificamente das mulheres), semi condicionada pela conjuntura histórica e política, caso específico retratado na crônica escolhida para esta análise. Nesse intento, a partir de pesquisa bibliográfica e analítica, organizamos este artigo em três partes: na primeira, abarcamos as características da literatura negro-brasileira e as especificidades do gênero crônica negra-feminista, na sequência, ressaltamos os aspectos gerais e os específicos da obra *Negras Crônicas*; por fim, na última parte, apresentamos a biografia sumária da Ana Santos — com vistas à sua escrita literária, e desenvolvemos a análise da narrativa “Poderosas”.

Deste modo, a partir das reflexões suscitadas pelos elementos da referida crônica, esperamos contribuir para a crítica aos modos de romantização, naturalização e mistificação de processos sociais violentos. Assim como, a valorização de saberes produzidos por pessoas historicamente discriminadas (sobretudo, neste artigo, as

¹⁴ Consideramos mulher enquanto constructo social e categoria de análise, dentro da complexa disposição de gêneros inventados no contingente ocidental, sumariamente uma categoria desvalorizada, apresentada em “dualidade dicotômica, binariamente oposta entre masculino/feminino, homem/mulher, em que o macho é presumido como superior e, portanto, categoria definidora” (Oyèwùmí, 2004, p. 8).

mulheres negras) e a representação dessas pela via literária. Exemplar é a coletânea *Negras Crônicas* que retrata múltiplas personalidades afetadas pelo patriarcado e pelo racismo, no enfrentamento do feminicídio e dos padrões estéticos de corpo e cabelo. Notadamente, as personagens femininas da obra flutuam aos extremos do isolamento na infância, da solidão da mulher negra, e, até dos relacionamentos marcados pela subjugação, pela violência física e simbólica. Acreditamos que o estudo dessa produção literária é uma das estratégias pertinentes para legitimá-la, contribuindo com o arcabouço teórico já existente, e fomentando essa área de estudo.

1 A crônica negra-feminista contemporânea

Acarreamos por base a denominação literatura negro-brasileira, apostilada por Luiz Silva, mais conhecido como Cuti. Ainda que desponte reflexões polêmicas, o autor defende a necessidade de uma literatura relacionada às pessoas que são diretamente atingidas pelo racismo por carregarem, na quantidade de melanina (cor da pele) a principal marca do estereótipo negativo criado no contexto da escravidão de negras/negros africanas/os e de seus descendentes. A partir disso, o autor explica que essa abordagem literária se difere das demais, pela especificidade do grupo étnico que contempla, e, sobretudo, “diante das consequências da discriminação racial e de sua presença psíquica” [...] (Cuti, 2010, p. 39). Por essa diferenciação, a população negra é o tema principal dessa forma de narrar, a escrita é proveniente de autoras/es que se identificam enquanto negras/os, e, que demonstram a compreensão do mundo ligada à história e à cultura das etnias negras em diáspora.

Nessa direção, em relação à linguagem, o autor alerta que “o vocabulário, o ritmo, a recriação da tradição oral, fazem sentido se associados a um processo de consciência racial” (Cuti, 2010, p. 60). Assim, a conscientização identitária que perpassa a autoria também abrange o público-alvo dessa produção. Adjacente à oportunidade de reflexão, à autoidentificação racial e ao combate de ataques discriminatórios, essa vertente literária toma posse do argumento que o autor explana ao longo da obra, ao reforçar que: “falar e ser ouvido é um ato de poder. Escrever e ser lido também” (p.47) ou ainda, “O dizer-se ‘negro’, além de desdizer o que foi dito, é um dizer-se: ‘Sou humano’!” (p.56). Assim, a literatura descrita pelo autor contempla uma escrita negra de enfrentamento.

No contexto deste artigo, por se tratar de arcabouço ficcional escrito por intelectuais negras que problematizam demandas femininas, seguindo a desnaturalização das violências dirigidas a essas, a partir de posturas sócio-políticas ativas, nomeamos esse conjunto estético de crônica negra-feminista. Nesta especificidade, para mais aprofundar, recorreremos a tessitura do que se convencionou denominar de crônica no âmbito da literatura brasileira, para a abordagem do gênero literário em estudo. Nas considerações postuladas por Candido (2003), a crônica surge a partir do: “[...] ‘folhetim’, [...] um artigo de rodapé [em jornais impressos] sobre as questões do dia a dia, — políticas, sociais, artísticas, literárias [...]” (p. 90).

Ao demarcar esse início, desenvolvimento e continuidade da crônica é indispensável pontuar que se trata de gênero de escrita majoritariamente branca e dominado por homens no cânone literário brasileiro. Distintamente, neste artigo confirmamos a presença de escritoras negras (sopesar a antologia *Negras Crônicas*, em seu quantitativo de autoras), acrescentando-as ao viés de resistência da vertente literária de autoria negra, severamente silenciada, mas que “além de técnica, exige energia vivencial” (Cuti, 2010, p.94). Dá-se assim, na narrativa “Poderosas”, cuja autora da crônica se autodescreve “filha, neta, irmã, mulher, negra, humana” (Santos, 2019), dentro da complexidade de ser intelectual brasileira, empreendedora e ativista nas áreas de saúde, gênero e raça/etnia.

Assim, interessa-nos considerar a escrita literária negra feminina (em amplo sentido) e, precisamente, a crônica negra-feminista, como partes da literatura negro-brasileira, sendo estas, formas de narrar integrantes da literatura brasileira, entretanto, com visada a representações específicas.

Dentre as instâncias que possibilitam a afirmação crescente dessa vertente está a lei 10.639/03 — que completou duas décadas de existência em 2023, cujo respaldo legal embasa o ensino através de obras literárias diaspóricas representativas da história e da cultura negra no Brasil. Essas realidades histórico-sociais estão no cerne da ficção denominada por Cuti (2010) de negro-brasileira, similarmente na crônica negra-feminista. Em ambas, ascende-se o espaço para personagens, escritoras/es e leitoras/es negras/os, sendo “[a escrita] uma forma de reconstruir a si mesmo e um modo de combater os efeitos da separação ontológica e da catástrofe metafísica” desempenhada pela modernidade (Maldonado-Torres, 2018, p. 47).

Com esse paralelo, a crônica negra-feminista abarca elementos que lhe são fundamentais, tais como: a oralidade, o humor, a crítica social e o hibridismo do gênero,

dentre outros. Esse hibridismo liga-se às possibilidades de entrecruzamentos narrativos que o gênero aporta, visto que: “os sentidos ligados ao jornalismo [onde nasce esse formato] e a seu modo de produção não impedem o cruzamento [com o] discurso da literatura” (Siebert, 2014, p.681). Ambos são valiosos na afetação do mundo, sobretudo, no caso da literatura, a partir do tratamento estético alicerçado na referencialidade do vivido ou testemunhado, seja para enfatizá-lo ou transmutá-lo.

Desse modo, reafirmando a potencialidade deste formato narrativo, temos que: “[a crônica] pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, [...] beleza e [...] singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia [...]” (Candido, 2003, p.90). Por sua vez, a crônica negra-feminista evidencia a intersecção entre gênero, raça e classe, com ênfase às várias formas de opressão que afetam as mulheres, visando provocar inquietações sobre tais conjunturas. Exemplar disso é a indagação da protagonista, na crônica “Poderosas”, às suas irmãs, com a intenção de conhecer qualquer situação vivida por elas que destacasse alguma vantagem da condição interseccional de ser mulher e negra.

A partir disso, revela-se a infinidade de possibilidades simbólicas que o gênero pode suceder. Por outro lado, na crônica negra-feminista, muitas vezes, narrar o vivido não é factual pela via do humor, dada a situação de agressões infligidas às mulheres (imprudente seria representar, com efeito de riso, os casos onde irmãs, mães e filhas são estupradas). Notadamente são inúmeros os danos engendrados pelo domínio patriarcal-colonial-capitalista, em contexto brasileiro. Ao passo dessa complexidade, sobressai a seriedade dessa produção narrativa, afinal, quais narrativas enfocam o isolamento vivenciado pela menina negra na infância, a violência simbólica obstétrica dirigida às mães negras em vias do parto, e o medo constante dessa mãe negra ante as agressões coadunadas pela raça e gênero? Ou ainda, a mulher negra cansada de viver entre a solidão e os relacionamentos deturpados. Quais escritas reconhecem e acolhem essas dores? São perguntas que nos guiam até a escrita de mulheres negras.

Em outra direção, cabe destacar que não só as dores são representadas na crônica negra-feminista, pois, fazem parte dessa criação narrativa: a construção de personagens complexas; a pauta da afetividade, que assinala a humanidade negra; a exaltação da negritude e da ancestralidade, como necessárias fontes de afirmação identitária. Além disso, por vezes, em vias da liberdade artística do texto ficcional, o contentamento e a prosperidade (tão caros à existência dos indivíduos), podem encabeçar, embora em tom de distopia, as histórias representativas das vidas negras,

sobretudo, ao dissociá-las da subjugação. Dentre os vários elementos citados, em “Poderosas” sobressai o enaltecimento das personagens negras, a partir do próprio nome da narrativa, e pelas descrições positivas, bem como evocado pelo texto: “mulheres incríveis que têm em comum a decisão de buscar mais do que lhes disseram que [...] merecem ser” (Santos, 2019, p.77).

Pondera-se que a inquietação com as injustiças sociais se delinea em vários gêneros narrativos da vertente literária negro-brasileira: desde contos, crônicas, romances e poesia. Especialmente a crônica, sem dilatação de páginas, evoca temáticas sensíveis ao grupo étnico em destaque. Portanto, tal como na literatura brasileira, a crônica negra-feminista, aproxima-se do público “principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural” (Candido, 2003, p.89) criando intimidade com o leitor. Além disso, a própria existência desse formato narrativo contribui na formação do público leitor — população negra, em sua maioria restringida do acesso ao letramento e, conseqüentemente, das narrativas em prosa de longa extensão. De tal modo, ressoa em *Negras Crônicas*, cujos aparatos gerais apresentamos a seguir.

2 Negras, pretas e feministas: escurecendo os fatos

Lançada na Bienal Internacional do Livro, no Rio de Janeiro, em 2019, a antologia *Negras Crônicas: escurecendo os fatos* reúne vinte e cinco escritoras de vários estados do Brasil. A obra é resultado do projeto idealizado por Cristiane de Oliveira (que assina a capa e o texto de apresentação da obra) e contemplado pelo concurso cultural de nome homônimo, realizado pela Editora Villardo Eireli Me, em 2018. Na apresentação da obra a idealizadora assegura: “é um projeto literário que conta, através da perspectiva de mulheres negras, suas vivências em uma sociedade racista e machista que insiste em olhá-las como coisas, objetos ou pedaços de carne” (Oliveira, 2019, p.5).

Essa coletânea, regada em páginas pretas, entrelaça experiências de mulheres negras atravessadas pela brutalidade constante do patriarcado, que, disseminada pelo contexto colonial, sintetiza-se no julgamento objetificador de mulher. Esse infortúnio, age na oposição da humanidade feminina, conforme representado na crônica “Poderosas”, quando a personagem (criança) averigua a estima em ser mulher, e fica confusa, pois, sendo a existência feminina algo positivo, questiona o motivo do feminicídio ocorrido com a integrante da escola de samba.

Pode-se conjecturar dois marcos temáticos que avolumam a antologia em foco. Inicialmente, problematiza-se a excessiva avaliação social de traços apregoados como femininos, especificamente aspectos do corpo e do cabelo, conforme as crônicas: “Pretinhas”, “Manequim”, “Janelas trancadas” e “Olhos (sur)presos”. Assim, representa-se vários momentos do ciclo vital das mulheres negras, incluindo a infância e a vida adulta. Em seus meandros, a obra volta-se às múltiplas dores que a intersecção entre gênero e raça evocam. Exemplares deste segundo marco temático são as narrativas abordadas a seguir. Em “Estrelas”, uma menina negra é expulsa de uma farmácia ao ser “confundida” com uma criança pedinte. A crônica “104 histórias como esta”, refrata a insegurança coletiva vivida por mulheres ao andarem na rua, ou ao acessarem o transporte público. Prontamente, o isolamento e a desvalorização da vida se misturam em outras quatro histórias: “No submundo da dor”, e, em “Crônicas de desafeto e solidão” – narrativas que retratam a infância e a vida de mulheres que cresceram em meio à carência de acolhimento social; em “Horror na serra fluminense”, a protagonista se depara com a reprodução de uma senzala, durante o passeio turístico em uma fazenda de café; e, em: “Memórias de um racismo discreto ou não tão discreto assim”, a personagem se dá conta dos estragos causados pelo racismo e pelos horrores da ditadura militar.

De forma recorrente, o conjunto de crônicas da antologia, denuncia as tentativas de aniquilamento (simbólico ou físico) e a subalternização das mulheres, como em: “Carta de Recomendação”, em que o estereótipo de “não-gente” (Mbembe, 2014) é evidenciado, pois a mulher negra é exposta como aquela que está sempre pronta para o trabalho, sem nenhuma traço de cansaço ou de humanidade; ocorre também na crônica “Brincadeira”, na qual os estigmas pejorativos delineiam a vida da personagem, reverberando o sentimento de ódio por si e pelo mundo.

Em suma, na obra *Negras Crônicas*, a voz cronista assume-se no relatar e comentar dos fatos, na aproximação da linguagem ao leitor, como na crônica “Poderosas”, em que a voz narrativa profere: “cês lembram de algum momento q cês acharam engraçado ou bom ser mulher e negra?” (Santos, 2019, p. 77). De alguma maneira, não se nega abertura desse gênero a hibridéz textual. Além disso, os “seus atos de linguagem são fictícios, mas, [...] o funcionamento [...] é exatamente o mesmo que o dos atos de linguagem reais, fora da literatura” (Compagnon, 1999, p.135).

Portanto, essas narrativas corroboram e/ou transfiguram a ostensividade do mundo vivido e a dimensão da própria ficcionalidade. São negras, pretas e feministas as

crônicas, as protagonistas e também as autoras, todas estão escurecendo os fatos:

O poder na sociedade contemporânea habitualmente se disfarça como a personificação do normal em oposição ao superior. Isso é comum a todas as formas de poder, mas funciona de maneira especialmente sedutora com a branquitude, devido à maneira como ela parece enraizada, no pensamento do senso comum, em outras coisas que não a diferença étnica. [...] É dito (mesmo em livros de teoria liberais) que existem associações inevitáveis do branco com a luz e, portanto, com a segurança, e do negro com o escuro e, por isso, com o perigo, e que isso explica o racismo (enquanto na verdade podemos argumentar sobre a segurança de estar envolto pela escuridão, e os perigo de estar exposto à luz); [...] transmitido por expressões como ‘lista negra’, ‘magia branca’, ‘denegrir a reputação’ e por aí vai (Hooks, 2019, p.300).

Ao contrário do sentido dicionarizado, e dessas “associações inevitáveis”, a partir da obra literária *Negras Crônicas*, escurecer os fatos é focar a escuridão bonita de ser negra/o, em sua legítima e admirável existência, bem como a potência de aceitar-se longe dos parâmetros ocidentais, ao discorrer sobre si e o mundo. Em máxima, é disseminar as informações sob a perspectiva do lugar social que ocupa, o que remete a exposição das injustiças secularmente direcionadas às pessoas negras. Dessa maneira, reivindica-se a humanidade dessas pessoas, valorizando-as esteticamente, intelectualmente e na condição de cidadãs. Subentende-se ainda, que escurecer os fatos é atribuir novos significados às palavras que antes eram utilizadas de forma pejorativas, tais como: negra, preta — e, nesse contexto, a palavra feminista. Em suma, assumir a designação “neguinha metida” (Nascimento, 2021) como sinônimo de mulher poderosa e decidida.

Por esse caminho, a escritora da narrativa literária escolhida para este artigo, ao contrário de negar a realidade de violências, assevera o seu ativismo social para a constituição de situações de vida não degradantes. Considera-se que a crônica “Poderosas” retrata o atravessamento do pós-colonial e tece provocações para desnaturalizar o feminicídio.

3 Feminicídio e mulher negra: angústias de irmãs, mães e filhas

Ana Carolina Oliveira dos Santos (autodenominada Ana Sou) é professora, comunicóloga conteudista, *designer* instrucional, mestra em Políticas Sociais Públicas e Cidadania, graduada em Comunicação Social, e também, instrutora nas práticas de *kemetic yoga* (de base africana) e *yoga ayurvédica*. Atua no Abayomi-Juristas Negras, uma ação coletiva de empreendedorismo que objetiva destituir o racismo estrutural

através da capacitação e do empoderamento da população negra (Abayomi, 2021). Ana Sou criou o grupo de estudos e práticas Pérolas Sagradas, e trabalha com sessões em grupo de terapia da respiração consciente e meditação. Seu ativismo está direcionado às áreas: saúde, gênero e raça/etnia. Na filosofia de vida em que acredita, o adoecimento em massa ocorre através de padrões que distorcem a essência do ser humano, por exemplo, criar um molde de vida sexual é “descaracterizar a si para pertencer [o que também significa] violentar a si mesma. [O padrão] tenta colocar como único o que é apenas uma possibilidade” (Santos, 2022).

Desde a infância, Ana Santos exerce a escrita – registrando seu primeiro livro aos 9 anos, no entanto, por timidez não publicava seus escritos. Quando adulta, no ambiente editorial, assumiu a produção e a revisão da obra *Roda dos Saberes do Cais do Valongo* (Kabula Artes e Projetos, 2015) além da coordenação editorial do livro *Nós por Nós* (NegrasCronicasLivro, 2020). Atuou como redatora e gestora do projeto *O Porto Importa*, incluindo no calendário turístico da cidade do Rio de Janeiro, roteiro específico sobre a região histórica portuária. Em *Negras Crônicas: escurecendo os fatos* (2019), Santos assina duas narrativas e inaugura sua fase de publicações. A escrita literária de Ana Santos reverbera a prática de sua filosofia de vida, assim, o empoderamento de mulheres negras, a valorização intelectual destas, o enfretamento do racismo e as práticas curativas circundam sua expressão estética. Na coletânea citada, por meio das duas crônicas, quais sejam: “Olhos (sur)presos” e “Poderosas” conhecemos a configuração de personagens humanizadas pela dimensão positiva da palavra, sobretudo, protagonistas que vivem a base da resiliência, ainda que diante dos horrores do racismo (nomeadamente na primeira crônica) e da violência contra à mulher, especificamente tematizado na segunda crônica mencionada – a qual apresentamos análise a seguir.

A busca por uma referência familiar de contentamento em ser mulher e negra inicia a inquietação da narradora-protagonista em “Poderosas”, guiada pelo desejo de escrever uma crônica positiva. Intenta, uma estória cujo final não seja trágico, sobretudo, envolvendo a presença negra e feminina. Implica ainda na necessária representação literária onde existir enquanto negra não esteja atrelada à pobreza e à exclusão. Entretanto, o círculo sanguíneo da personagem não finda a resposta desse inventário: “Duplo não como resposta. Estou num Centro Cultural, [...] e de repente vejo a minha crônica acontecer” (Santos, 2019, p. 77).

Na primeira parte da narrativa as situações presenciadas pela protagonista evidenciam a distante possibilidade de enlevo da categoria mulher, no contexto de uma

sociedade em desarranjo. Representa-se o caso de feminicídio incidido a uma integrante do bloco de carnaval Mulheres Rodadas (MR¹⁵). O assassinato, cometido pelo cônjuge da vítima é situado pelo elemento musical em verso: “joga pedra na Geni”, parte do enredo na música *Geni e o Zepelim* (Hollanda, 1979), que explicita a morte da personalidade feminina nomeada, ironicamente apedrejada após salvar uma cidade. O entrelaçar desses crimes remete a multiplicidade da violência contra à mulher, nesta sociedade fundada pelo sistema escravocrata/colonial lusitano (Henriques, 2020), onde inegavelmente, gênero, raça e classe se interceptam na produção de opressões:

[...] não poderemos mais ignorar o padrão global basilar e administrador de todas as opressões contra mulheres, construídas heterogeneamente nestes grupos, vítimas das colisões múltiplas do capacitismo, terrorismo religioso, cisheteropatriarcado e imperialismo. Tais mulheres depositam confiança na oferta analítica da interseccionalidade, preparada por suas intelectuais além de, sucessivamente, oferecerem no espaço público o alimento político para os Outros, proporcionando o fluxo entre teoria, metodologia e prática aos acidentados durante a colisão, amparando-os intelectualmente na própria avenida do acidente (Akotirene, 2019, p.16).

Nessa intersecção “[a] realidade da mulher negra [...] é um fenômeno híbrido, [...] no sentido de que mulheres negras experienciam racismo, sexismo e/ou lesbofobia — posicionando-nos em uma dimensão dupla ou tripla” (Kilomba, 2019, p. 98). Esse “padrão global basilar” é amoldado pelo poder fálico atribuído ao masculino-instituição, a decidir em detrimento do feminino, e a respeito da morte de mulheres, sopesar os análogos assassinatos da vereadora *queer* e negra Marielle Franco, em 2018, e da ialorixá e líder de terreiro Bernadete Pacífico (Mãe Bernadete), em 2023. Ambos os casos demonstram a mulher sendo penalizada com o aniquilamento físico e simbólico por contestar as várias instâncias de degradação na sociedade brasileira. Sinaliza, pois, para a subordinação imposta à mulher: “em todos os lugares, ameaças, [...] assédio sexual, violência sexual, estupro e censura são usados como forma de intimidação e como um chamado à ordem (Vergès, p. 96, 2020).

Ao expor criticamente o caso de feminicídio, a crônica em análise promove a denúncia dessa forma letal de violação contra mulheres e meninas. No enalço de não somente denunciar a tirania da sociedade, e sim, ressaltar as estratégias e as formas para desvencilhar a naturalização desses danos, principalmente, a partir da representação na crônica “Poderosas”, trata-se também de não romantizar o homicídio de mulheres e

¹⁵ Ao longo deste artigo indicaremos o nome desse bloco pela abreviação MR.

defender o direito à vida, seja na esfera privada ou pública, conforme propõe o feminismo decolonial:

[...] é reconhecer que a ofensiva contra as mulheres, atualmente justificada e reivindicada publicamente pelos dirigentes estatais, não é simplesmente a expressão de uma dominação masculinista descomplexificada, e sim uma manifestação da violência destruidora suscitada pelo capitalismo. [...]. Em outras palavras, os feminismos de política decolonial contribuem na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu direito à existência (Vergès, p. 27, 2020).

No Brasil, a existência plena das mulheres é constantemente ceifada pelo feminicídio, tanto mais no caso de mulheres negras, tal como aponta o Anuário Brasileiro de Segurança Pública referente ao ano 2022: 61% das vítimas desse crime eram negras, além dos outros tipos de assassinatos, onde elas figuram com percentual de 68,9% (p. 142). Além dos perigos letais, outras formas de agressões são paulatinamente diluídas ou disfarçadas em eventos rotineiros, desde preleções machistas em academias de ginástica, às privações de vestimenta pelos cônjuges, até o terror psicológico transparente nos relatos de mulheres a afirmarem que não podem confrontar oralmente as figuras masculinas devido ao medo de serem agredidas física ou verbalmente, maiormente, em ambiente domiciliar. Em 2023, nos primeiros seis meses, “as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM) do Rio de Janeiro registraram 16 mil ocorrências de violência doméstica [...]” (Miranda, 2023). De tal modo, desde os ataques cotidianos aos crimes que cessam a vida, o ciclo de dominação se repete, a mulher é posta em serviço involuntariamente e penitenciada quando não atende tais exigências.

Nesse sentido, a representação do feminicídio na crônica em análise, longe da espetacularização desse extermínio, realiza o entrecruzamento do factual com a ficção. Dito de outra forma, os acontecimentos do real são o fundamento para a construção da trama, em diálogo com o trecho musical citado. É irrefutável observar que a narrativa de Santos lança foco sobre um ato criminoso, sexista e misógino ocorrido no contexto do MR – bloco de carnaval feminista existente no Rio de Janeiro. Em 2018, por meio de entrevista ao Portal Pitaya Cultural, a jornalista Renata Rodrigues, organizadora do grupo, relata que o mesmo foi “criado com o objetivo de ser uma ferramenta política e de levar o debate sobre corpo, sexualidade, violência e assédio para as ruas [...]” (Mattos, 2018). Denota-se, o aspecto perverso e suscetível desse crime, indicando que muitas vezes a vítima não consegue pedir ajuda para se distanciar do ciclo de agressões.

Em “Poderosas” a mulher assassinada não é nomeada, o que conjectura a representação de uma coletividade de mulheres (irmãs, mães, filhas), desde as ameaçadas por esse aniquilamento às que tiveram suas vidas encerradas pelos perpetradores. Ao mesmo tempo, pode-se relacionar essa crônica ao feminicídio de Márcia Benevides, componente do MR executada pelo ex-cônjuge no decorrer da separação. Devido ao ocorrido, várias homenagens do bloco foram destinadas à Benevides (Agência Brasil, 2018). De tal modo, a narrativa literária de Santos, retrata, de forma não naturalizada, esse tipo de crime e a vulnerabilidade social das mulheres, inclusive dentro da relação conjugal, além de reiterar que “esse é um problema de ordem jurídica e tem suas raízes principalmente arraigadas na dominação do homem sobre a mulher (White, 2006, p. 148), conjuntura transcendente o privado, pois, se revela histórica e estrutural:

Essa estrutura, que chamamos de "relações de gênero", é, em si mesma, violentogênica e potencialmente genocida pelo fato de que a posição masculina só pode ser alcançada – adquirida, como status – e reproduzida como tal pelo exercício de uma ou mais dimensões de um pacote de poderes, ou seja, de formas entrelaçadas de dominação: sexual, bélica, sexual, intelectual, político, econômico e moral. Isso significa que a masculinidade como atributo deve ser verificada e reafirmada ciclicamente e, para isso, quando o imperativo de reconfirmação da posição de dominação é ameaçado por um comportamento que pode prejudicá-lo, a emocionalidade individual e o afeto particular que pode existir em uma relação pessoal entre um homem e uma mulher que mantêm um vínculo "amoroso" é suspenso. O recurso à agressão, portanto, mesmo no ambiente doméstico, implica a suspensão de qualquer outra dimensão pessoal do vínculo para dar origem a um afloramento da estrutura genérica e impessoal do gênero e seu mandato de dominação (Segato, 2011, p. 5-6).

A sistemática dessas “relações de gênero”, tal como foi construída no ocidente ao longo dos séculos, reverbera o ódio e a repulsa ao feminino, e, especificamente às mulheres. Quando uma mulher não se reprime em submissão aos padrões impetrados pela sociedade, aos moldes da estética disseminada como bonita, ao estereótipo “daquela que perdoa a todos”, ou quando não se curva aos atos de assédio (e tantos outros crimes que violam seu direito de humanidade); ela é rechaçada, agredida, e, não raras vezes assassinada.

Na segunda parte da narrativa “Poderosas”, a protagonista alarga seu relato impactada pelo diálogo que acompanha entre uma mãe e a filha de 8 anos, no ambiente da escola de samba, quando a menina indaga a explicação sobre o feminicídio, cuja vítima seria homenageada na semana subsequente:

A mãe explica que ‘feminicídio’ é quando uma mulher é morta ‘pelo fato de ser mulher’.

[...] ‘mas é ruim ser mulher?’ . A mãe diz: ‘É maravilhoso!’ Agora confusa, a filha questiona: ‘Mas então por que mataram? Mataram como?’

[...] ‘ser mulher é poderoso, por isso querem nos diminuir’ (Santos, 2019, p. 78).

As inquirições da criança arrebatam a protagonista para um estado mental agitado, combinação de emoções e sentimentos, tais quais: medo, dor, tristeza, e, por fim, a resiliência. As três primeiras, devido à complexidade de colocar em palavras a situação de violência extremada, possivelmente plantando conflitos internos que a criança carregará ao longo da vida, visto que, saber que a mulher foi morta “por ser mulher” coloca em questionamento a própria existência da criança-menina-feminina. A quarta e última, dada a consciência da necessidade de informar para proteger, conforme explicitado na narrativa: “Que mãe é essa que já sabe que a melhor defesa é falar, que o silêncio fragiliza, mata? (Santos, 2019, p.78).

Nessa assertiva, confirma-se que através do texto literário induz-se à fala, à informação, à denúncia, pelas mulheres, dos infortúnios que as atingem. Denota-se que o silêncio não apaga o passado. Ao ser violentada, ferida e maltratada a falta da revelação do ato criminoso, pode simular um estado de esquecimento, porém, ao contrário disso, a mulher que não consegue delatar a agressão tem a dor revivida involuntariamente pela memória, ou, nos piores cenários, pela reincidência dos atos agressivos, chegando até ao acontecimento do feminicídio. No que tange à informação como forma de proteção, é sumário frisar a relevância da lei brasileira nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que aporta políticas de proteção às mulheres e de punição aos agressores, tanto mais por dispor que: “a violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos” (Brasil, 2006, cap. I, art.6), criminalizando, assim, tais práticas.

A partir disso, sobressai a potência narrativa de Santos ao tematizar as ambivalências de escrever ou instruir sobre a incessante dilaceração da vida feminina, especificamente o crime de feminicídio. De acordo com a socióloga sul-africana Diana Russell, em *The origin and importance of the term femicide*, são vários os exemplos desse tipo de violência:

[...] incluem o apedrejamento de mulheres até a morte (o que considero uma forma de tortura-feminicídio); assassinatos de mulheres pela chamada “honra”; assassinatos por estupro; assassinatos de mulheres e meninas por seus maridos, namorados e namorados, por terem um caso, ou serem rebeldes, ou qualquer outra desculpa; assassinato de esposas por imolação por causa de pouco dote; mortes resultantes de mutilações genitais; escravas sexuais,

mulheres traficadas e mulheres prostituídas, assassinadas por seus "donos", traficantes, "clientes" e cafetões, e mulheres mortas por estranhos misóginos, conhecidos e assassinos em série (Russell, New York, 2011).

O conceito definido por Russel revela-se pujante para abarcar os diversos crimes dessa natureza (incluindo os cometidos contra crianças e bebês femininas) que praticados em países como China e Índia disseminam o aniquilamento das vítimas, baseados em injustificáveis motivos. Duas dessas formas de feminicídios são apontadas na crônica “Poderosas”: a morte da componente do MR, em situação conjugal, e o apedrejamento da Geni, aludido através do trecho musical. Nessa narrativa, Ana Santos elabora uma crônica negra-feminista contemporânea, inscrevendo-se no enfrentamento decolonial, ao promover questionamentos sobre a estrutura social e o tratamento relegado às mulheres.

Além disso, na configuração da protagonista revela-se uma mulher, negra, irmã e cidadã ativa frente as agressões dessa categoria e grupo social. Ao se vê impactada pelas angústias da personagem-criança diante da violência, reconhece em si, nas suas irmãs, e, na mãe da criança, o mesmo sentimento. Em todas elas desponta o *locus* de aflição em proteger o corpo-vida que lhes dá acesso a materialidade do mundo. Apesar disso, a protagonista se recompõe na consciência desse lugar:

[...] disfarço lágrimas que se descontrolam ao pensar porque diálogos assim têm que existir [...] sinto o ar entrar forte no peito e extasiada com as palavras, penso: ‘Uau! Somos poderosas!’ (Santos, 2019, p. 78-79).

Logo, abre-se espaço a valorização da vítima e ao incentivo da denúncia por parte das mulheres. Por essa caminhada de resistência, a metalinguagem declarada no movimento de construir uma crônica venturosa sobre ser mulher, enfatiza a dimensão positiva do feminino, desde a descrição da personagem mãe da criança (na primeira parte da crônica) ao anunciar: “moça elegante, *dreadlocks* enrolados parecendo uma rainha” (Santos, 2019, p.77), à atenuação do medo de maternar: “é preciso transformar o medo em meio [...] cada filha negra é uma revolução” (Santos, 2019, p.79). Por fim, ressalta-se a legitimidade dessa produção literária em conferir poder às mulheres que narram e as que são retratadas ficcionalmente.

Conclusão

No decorrer desta análise, confirmamos que *Negras Crônicas* trata-se de uma antologia regada em páginas pretas que entrelaça experiências de mulheres negras, atravessadas pela brutalidade paulatina do patriarcado, em vários momentos do ciclo vital, incluindo a infância e a vida adulta. A obra demonstra substancialmente a forma como a ficção se dá a partir do real, ao enfatizar, por exemplo, a existência do feminicídio e de suas influências no cotidiano de crianças e mulheres negras brasileiras.

A crônica “Poderosas” expressa desde o título a relação direta com o feminino, e, em particular, com as mulheres, no desenvolver da narrativa. Destaca-se, a associação dessa categoria com substantivos que remetem à autoridade, tais como: poder, vigor e força, rasurando o estigma de fragilidade feminina inscrito nos preceitos da subordinação. Constata-se uma crônica negra-feminista, tanto mais no aspecto de denunciar o feminicídio, de forma não naturalizada, e alertar para a importância da instrução sobre esse crime, bem como de não romantizar a subalternização. A narrativa de Santos, representa uma coletividade de mulheres (irmãs, mães e filhas) vulneráveis às diversas violências de uma sociedade em desarranjo. Portanto, abre espaço à valorização da vítima e ao incentivo da revelação dos crimes, por parte das mulheres.

Assim, especialmente, no gênero literário estudado (crônica negra-feminista), a ênfase recai sobre as demandas sociais e os temas sensíveis, por meio de uma linguagem concisa, fluida e híbrida. Trata-se, de reconhecer algumas das principais questões refratadas na literatura negro-brasileira, mormente, na produção de autoria feminina negra no Brasil. Mediante essa literatura, fomenta-se a conscientização histórica e política, sendo estes, pontos de enlaces possíveis no combate às violências, situando a atualização/valorização do saber ligado a essa forma de existir no mundo: mulher.

Referências

ABAYOMI. Abayomi Juristas Negras. Abayomi. [S.l.]: 2021. Disponível em: <<https://abayomijuristasnegras.engaged.com.br/todos>>. Acesso em: 04 out. 2022.

AGÊNCIA BRASIL. No Rio, bloco das Mulheres Rodadas desfila contra feminicídio e assédio. [S.l.]: 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2018-02/bloco-das-mulheres-rodadas-desfila-contra-femicidio-e-assedio-no-rio#:~:text=O%>>

20Bloco% 20das% 20Mulheres% 20Rodadas,durante% 20o% 20processo% 20de% 20separ
a% C3%A7% C3%A3o >. Acesso em: 10 out. 2022.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Fórum Brasileiro de
Segurança Pública. 2022. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em:
<<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>>. Acesso em
12 out. 2022.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência
doméstica e familiar contra a mulher, [...] altera o código de processo penal, o código
Penal e a Lei de Execução Penal [...]. Brasília: Presidência da República, [2006].
Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>.
Acesso em 16 out. 2022.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al.
Para gostar de ler: crônicas. São Paulo: Ática, 2003. v. 5, Prefácio. p. 89-99.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de
Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

HENRIQUES, Elizane Souza dos Santos. **Angola / Brasil: literaturas em diálogo nos
entrecruzamentos da história com a ficção**. 2020. 93f. Dissertação (Mestrado em
Letras: Linguagens e Representações) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus,
Bahia. 2020.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa;
WHITE, Evelyn C. **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe.
2.ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006. p. 188-198.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros**: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São
Paulo: Elefante, 2019.

HOLLANDA, C. B. de. “Geni e o Zepelim”. Ópera do Malandro. Rio de Janeiro:
Polygram/Philips, 1978/1979.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade:
algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-
TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (org.). **Decolonialidade e pensamento
afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 269-284.

MATTOS, Gabriela. O feminismo das redes não inventou o feminismo. Entrevista de 28/03/2018.
Disponível em: <[https://pitayacultural.com.br/artes/entrevista-o-feminismo-das-redes-nao-inventou-
o-feminismo-diz-coordenadora-do-bloco-mulheres-rodadas/](https://pitayacultural.com.br/artes/entrevista-o-feminismo-das-redes-nao-inventou-o-feminismo-diz-coordenadora-do-bloco-mulheres-rodadas/)>. Acesso em: 12 out.2022.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. Portugal:
Antígona, 2014.

MIRANDA, Eduardo. Primeiro semestre de 2023 teve registro de 16 mil ocorrências de violência contra mulheres. In: **Redação Brasil de Fato**. Rio de Janeiro. 24 de agosto de 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefatorj.com.br/2023/08/24/rj-primeiro-semester-de-2023-teve-registro-de-16-mil-ocorrencias-de-violencia-contra-mulheres>>. Consultado em: 10 out de 2023.

NASCIMENTO, Luciene. **Tudo nela é de se amar**: A pele que habito e outros poemas sobre a jornada da mulher negra. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

NEGRASCRONICASLIVRO. Conheça nossas autoras. In: Perfil instagram - **Conheça nossas autoras**. Rio de Janeiro, 24 de abril.,2020. Instagram: negrascronicaslivro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B_kajDgp2Dj/>. Acesso em: 22 de nov. de 2022.

OLIVEIRA, Cristiane de. Apresentação da obra. In: SANTOS, Ana Carolina Oliveira. et al. **Negras crônicas**: escurecendo os fatos. Rio de Janeiro: Editora Villardo, 2019. p. 5-6.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero**: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Dakar: CODESRIA, 2004.

RUSSELL, Diana EH. *The origin and importance of the term femicide*. 2011. Disponível em: <https://www.dianarussell.com/origin_of_femicide.html>. Acesso em: 10 out. 2022.

SANTOS, Ana Carolina Oliveira dos. Poderosas. In: SANTOS, Ana Carolina Oliveira. et al. **Negras crônicas**: escurecendo os fatos. Rio de Janeiro: Editora Villardo, 2019. p. 77-79.

SANTOS, Ana Carolina Oliveira dos. Sessão colunistas da Personare. In: **Personare**. Disponível em: <<https://www.personare.com.br/autor/ana-sou>>. Acesso em: 06 de out. de 2023.

SANTOS, Ana Carolina Oliveira dos. In: **Personare**: Como se constrói o sexo padrão de qualidade? 2022. Disponível em: <<https://www.personare.com.br/conteudo/sexo-padrao-de-qualidade-m85054>>. Acesso em 06 de out de 23.

SEGATO, Rita Laura. Femigenocidio y feminicidio: una propuesta de Tipificación. In: II ENCUESTRO MESOAMERICANO DE ESTUDIOS DE GÉNERO Y FEMINISMOS, 2011, Ciudad de Guatemala. **Anais**. Disponível em: <<https://biblat.unam.mx/hevila/HerramientaBuenosAires/2012/no49/10.pdf>>. Acesso em 02 out 2022.

SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. In: **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 675-685, set./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ld/a/8vV4KftbQvYdYggFw6dGf3N/?lang=pt>>. Acesso em 20 nov. 2022.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

VILLARDO, Editora. Concurso cultural Negras crônicas. Rio de Janeiro, 20 de agosto, 2018. Facebook: Editora Villardo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Editora.Villardo/posts/1109066429244064/>>. Acesso em: 20 de nov. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

WHITE, Evelyn C. O amor não justifica: mulheres e violência doméstica. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. 2.ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006. p.147-152.

DARKENING THE FACTS: FEMICIDE AND BLACK WOMEN, ANGUISH OF SISTERS, MOTHERS AND DAUGHTERS

Abstract

We investigated the representation of femicide in black-Brazilian literature, with an emphasis on the black-feminist chronicle, taking as an example the narrative "Poderosas", by Ana Carolina Oliveira dos Santos, in the collection *Negras Crônicas: escurecendo os fatos* (2019). The chosen chronicle evokes the creative and reflective process of the narrator-protagonist, a woman and black woman in search of a positive story, but who is faced with a murder case. To support this analysis, we use the propositions of Russell (2011) and Vergès (2020), regarding crimes against women; the specificities of the literature and the genre in focus (Candido, 2003; Cuti, 2010); and to the feminist and decolonial theoretical-critical assumptions, in exhibitions of Akotirene (2019); Kilomba (2019), Hooks (2006;2019) and Maldonado-Torres (2018). As a result, we identified that the chronicle denunciate unnaturally the femicide, and warn about the importance of instructing women (since childhood) about this. Santos' narrative represents a collectivity of women vulnerable to the various forms of violence of a society in disarray. Therefore, it opens up space for valuing the victim. It is, therefore, a matter of recognizing some of the main issues refracted in the production of black female authorship in Brazil.

Keywords

Femicide. Afro-Brazilian literature. *Negras Crônicas*. Black-feminist chronicle.

Submetido: 19/10/2023

Aprovado: 10/04/2024